
Revista mantida por grupos de pesquisa em História sediados na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e na Universidade Regional do Cariri (URCA), especializada na publicação de artigos de revisão e resenhas de livros de História e Memória.



André Cabral Honor | Foto: [UnB](#)

Pequeno no formato, grande nas potencialidades – Resenha do livro *Hoje mando um abraço para ti, pequenina*, de André Cabral Honor

Margarida Maria Dias de Oliveira (UFRN)

Resumo: *Hoje mando um abraço para ti, pequenina*, de André Cabral Honor, resgata poeticamente a história da Capitania da Paraíba. A ausência de linearidade pode dificultar a leitura escolar. Ainda assim, destaca-se como literatura histórica sofisticada, com potencial didático e reflexivo para a formação em História.

Palavras-chave: André Cabral Honor; romance histórico; Capitania da Paraíba; ensino de História; literatura e memória.

O livro intitulado *Hoje mando um abraço para ti, pequenina*, de autoria de André Cabral Honor, foi publicado pela Editora Escaleras, em 2020, tem 155 páginas, possui dimensões diferenciadas dos livros físicos padrão (12,25 x 19 cm) e foi impresso em papel Pólen Bold 90g/m². Se incluo essas informações é para dizer que a experiência de manusear este livro é singular. Ele é inteligente e dá prazer em folhear. Ponto para a Editora Escaleras.



O texto foi premiado pelo Edital de fomento à literatura por meio da formação de novos autores da Fundação Biblioteca Nacional, em 2014. Aos que não conhecem ou não estão lembrados, o título remete ao refrão da música “Paraíba”, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. A história narra momentos da vida do capitão-mor Jerônimo José de Melo e Castro à frente da Capitania da Paraíba. O livro é baseado em fatos históricos e, com muita licença poética, ambienta cada capítulo como pequenos filmes.

O autor é professor de História na Universidade de Brasília (UnB) e sua produção envolve a cultura Carmelita e o século XVIII, elementos presentes na narrativa do livro em questão. Apesar disso, ele não procurou facilidades para sua construção. Não há linearidade cronológica e narrador único. A cada capítulo, um contador assume a história, considerada a sua proximidade à vida do Capitão. Desvende para o leitor aspectos da personalidade daquele que exerceu, muito provavelmente, uma das mais longevas gestões (1764 e 1797), no período colonial da América Portuguesa.

Com dados desse tipo, André Cabral Honor cria situações que incluem referências a personagens e locais da então cidade de Parahyba, atual cidade de João Pessoa, capital do estado do mesmo nome e sujeitos que representam grupos invisibilizados como escravizados e mulheres. Com frases do tipo: “Aprendera como o açúcar era branqueado com o sangue dos negros” (p.76) e “Ser mulher é estar só, Ana. Seja no claustro ou em casa” (p. 116), o autor criou um texto que nos delicia e denuncia contundentemente e, com poesia, os sofreres de tantos seres.

O que gostaria de ressaltar nessa comunicação aos possíveis leitores dessa obra são as potencialidades que nela vislumbro como leitora, profissional de História e docente, embora refletindo sempre a partir da sala de aula.

Como leitora, considero que o consumo dessa obra, por distração ou induzido por estratégias de ensino-aprendizagem, pode contribuir para a construção de leitores que saibam apreciar recursos literários e estilísticos sofisticados sem pedantismo e olhar para as coisas mundanas e sobrenaturais com graça, leveza, reconhecendo, porém, as suas complexidades. Quando articulada com a ação do qual o livro emerge – formação de escritores – o uso da obra demonstra que o acesso à cultura letrada pode fazer muito por todos. Ponto para a Fundação Biblioteca Nacional.

Como profissional de História, considero que publicações desse tipo trazem à baila as funções sociais do conhecimento histórico e as demandas por conhecimento especializado em diferentes âmbitos nos quais os profissionais de História têm que atuar. Ressalto a

palavra formação para explicitar meu posicionamento de que não basta alguém se dedicar à produção de material literário ou audiovisual. Deve, também, tentar modificar os cursos de graduações e/ou especializações que induzam os formandos para diálogos com outros campos do conhecimento e espaços de atuação. Ponto para o autor que nos demonstra a dificuldade e desafios do encontro entre História e Literatura.

Como docente, seja nas graduações em História, seja na Educação Básica, considero que as potencialidades de livros como este são quase inumeráveis. Vou me restringir ao que considero mais viável: construir com ele e a partir do texto escrito situações de ensino-aprendizagem, recursos didáticos e materiais didáticos.

O livro pode ser utilizado como recurso didático ou para produção de material didático na formação do profissional de História, por exemplo, que materialize reflexões sobre a função social de narrativas desse tipo, quando realizadas por profissionais de História, como é o seu autor. A discussão e a elaboração dos saberes necessários para a atuação dos formados em História, nessa área, ainda está por ser realizada em nossos cursos de graduação e poderiam contribuir sobremaneira para a renovação dos percursos formativos disponibilizados pelas graduações em História – licenciaturas ou Bacharelados.

Ainda pensando as potencialidades nas graduações em História, resalto a viabilidade de exercitar a produção de material didático para a Educação Básica, sobretudo, se for efetivado o diálogo entre o *expert* em América Portuguesa Colonial ou temas correlatos e um profissional pesquisador da área do ensino de História. Esse trabalho conjunto converge para confecção de materiais demonstrativos, em que as estratégias de ensino-aprendizagem, muito mais que simplificações do conhecimento histórico acadêmico, se estruturam a partir das apropriações e das elaborações próprias aos objetivos e ao público do nível de ensino correspondente.

Na formação do cidadão, pode se aprender sobre a diversidade de formas de experiências com o tempo e as operações que os seres humanos inventam para o narrar, como a cronologia, diacronia e sincronia. Portanto, na Educação Básica, quando são tão difíceis as condições para trabalhos interdisciplinares, essa é uma das possibilidades que a publicação proporciona.

Mantendo-me nesse diapasão do diálogo entre disciplinas, o livro possibilita o trabalho sobre personagens e suas vinculações a tempos e espaços e suas formas de se identificar e se apresentar. Espaços que podem ser fictícios e imaginados, mas também que possam ser reais e palpáveis, que possamos visitar, localizar em mapas, cartografar e, até mesmo, relacioná-los às nossas memórias afetivas.

Pode se passear na cidade da Parahyba do século XVIII ou em qualquer cidade colonial em que grupos sociais dominam, resistem e (re)inventam a difícil arte de viver. *Hoje mando um abraço para ti, pequenina* é um livro repleto de personagens que devem ser facilmente transpostos para a experiência de outras cidades uma vez que representam grupos invisibilizados que clamam por serem ouvidos e reconhecidos nas suas diversas formas de viver. Por isso, um docente com tempo para ler, refletir, planejar-dependendo do público e

do objetivo – terá condições de criar inovadores recursos. Ponto para as discussões pautadas nas Licenciaturas.

Mas, é muito importante dizer que, antes de qualquer coisa, é um livro de literatura. Boa literatura, classificável como romance histórico, produzido para encantar leitores e deixar fluir a imaginação. As indicações que faço de pautas potentes são pelo vício do olhar de quem lida com a formação de profissionais de História. As referências do autor e o contexto da origem da publicação não são amarras para o uso da narrativa inscrita em *Hoje mando um abraço para ti, pequenina*. Assim, convido o leitor para apreciar o Sumário transcrito abaixo. Espero que se sinta incomodado pela curiosidade dos números, das datas, tão bem definidas pelo genial Alfredo Bosi.^[1]

Nota

[1] Datas. Mas o que são datas?

Datas são pontas de icebergs.

O navegador que singra a imensidão do mar bendiz a presença dessas pontas emersas, sólidos geométricos, cubos e cilindros de gelo visíveis a olho nu e a grandes distâncias. Sem essas balizas naturais que cintilam até sob a luz noturna das estrelas, como evitar que a nau se espedace de encontro às massas submersas que não se vêem?

Datas são pontas de icebergs.

A memória das sociedades, que a velha e hoje moça história das mentalidades reconquista com zelo e paixão; a memória das sociedades, que deve ter no historiador o seu ouvinte mais atento; a memória das sociedades precisa repousar em sinais inequívocos, sempre iguais a si mesmos; e o que há de mais inequívoco e sempre igual a si mesmo do que o número? Datas são números.

Datas são pontos de luz sem os quais a densidade acumulada dos eventos pelos séculos causaria um tal negrume que seria impossível sequer vislumbrar no opaco dos tempos os vultos das personagens e as órbitas desenhadas pelas suas ações. A memória carece de nomes e de números. A memória carece de numes.

Mas de onde vem a força e a resistência dessas combinações de algarismos? 1492, 1792, 1822, 1922... Vêm daquelas massas ocultas de que as datas são índices. Vêm da relação inextricável entre o acontecimento, que elas fixam com a sua simplicidade aritmética, e a polifonia do tempo social, do tempo cultural, do tempo corporal, que pulsa sob a linha de superfície dos eventos. BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. (Bosi, 1992, p.?)

Referências

NOVAES, Adauto. *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

Sumário de *Hoje mando um abraço para ti, pequenina*

Prólogo à guisa de Epílogo

1780

1767

1784

1770

1772

1777

1786

1793

Epílogo à guisa de Prólogo

Resenhista



Margarida Maria Dias de Oliveira é doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da UFRN. Publicou, entre outros trabalhos, “Um museu de grandes novidades: em defesa de novos estudos sobre o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano”, em *Estilhaços da Memória: O Nordeste e a reescrita das práticas museais no Brasil*, organizado por Clovis Carvalho Britto, Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha, Suely Moraes Cerávolo (Espaço Acadêmico, 2020) e, em co-autoria com W. O. Souza, “O curso de História da UFRN (1956-2016): alguns

vestígios de memórias e pautas para a escrita de histórias”, em *Universidade e Ensino de História*, organizado por Marieta de Moraes Ferreira (FGV, 2020). E-mail:

margaridahistoria@yahoo.com.br.

Para citar esta resenha

HONOR, André Cabral. Hoje mando um abraço para ti, pequenina. JoãoPessoa/Salvador: Editora Escaleras, 2020, 155p. Resenha de: OLIVEIRA, Maria Margarida Dias de. Pequeno no formato, grande nas potencialidades: Hoje mando um abraço para ti, pequenina, de André Cabral Honor. *Crítica Historiográfica*. Natal, v.2, n.3, p.13-17, jan./fev. 2022.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir dos seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhe sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA)